

Luis Alexandre Franco Gonçalves

**PARQUE ESTADUAL DA PEDRA
BRANCA
CONSTRUÇÕES E RUÍNAS HISTÓRICAS**

Apresentação

Este livro foi feito com a intenção de tornar mais conhecidos, com textos e fotos, os aspectos históricos do Parque Estadual da Pedra Branca cujas matas constituem uma das maiores florestas urbanas do planeta. Ele é o segundo de uma série que teve início com *Parque Nacional da Tijuca - Construções e Ruínas Históricas*, lançado em 2013 pela Edital. Tendo em sua volta 17 bairros da zona oeste carioca, o Parque além da beleza de suas paisagens e condições favoráveis à prática de atividades ao ar livre, possui antigas construções e ruínas em seu interior e nos arredores, que fazem parte da evolução da cidade desde os seus primeiros tempos. As informações aqui contidas procuram incentivar moradores de todas as partes da cidade e de turistas, à prática do turismo histórico nesta região tão privilegiada pela natureza. O livro Parque Estadual da Pedra Branca, oferece raras oportunidades de conhecimento de sítios históricos pouco conhecidos por parte da população, em caminhadas de curta e média duração em um maciço com florestas, cachoeiras, poços e trilhas para praias de difícil acesso, e o ponto culminante da cidade do Rio de Janeiro.

Prefácio

Há diversas marcas humanas passadas entranhadas nos grandes fragmentos de florestas pertencentes aos domínios da Mata Atlântica, incluindo a região que compreendem os maciços litorâneos florestados do Rio de Janeiro. Antes esses espaços muitas vezes eram tidos pelos ecologistas como extensas áreas intocadas e até isoladas das sociedades humanas ao longo dos séculos. Como o mais localizado a Oeste e um dos maiores fragmentos de florestas densas encravado na matriz urbana que mais se expande e se torna homogênea no município do Rio de Janeiro, o Maciço da Pedra Branca, que compreende o Parque Estadual da Pedra Branca desde 1974, se ergue em montanhas e florestas em seus imponentes 12,393 hectares e 1.025 metros de altitude.

As florestas da Pedra Branca, e seus ecossistemas relacionados, tem se revelado um gigantesco refúgio para diversidade biológica remanescente da Mata Atlântica no Rio de Janeiro. Porém, ainda pouco relatado e não menos importante, estas paisagens também se apresentam como importante refúgio de gente, de grupos sociais tradicionais e suas histórias de vidas com profundas raízes nestas terras. Pessoas, que com o passar dos séculos, ainda são denominadas como ‘*gente que vive no mato*’, que contam as histórias de seus ancestrais e de suas marcas deixada nas matas, sob uma atmosfera de respeito frente à complexidade da floresta, montanhas e mananciais. A floresta como a morada de espíritos, a floresta como fonte de água, floresta como fonte de vida.

De fato a história se mantém viva e ecoa nesta região de borda de matas, reconhecida como o Sertão Carioca. Estas são marcas expostas em antigas construções para os mais variados fins ao longo do histórico de ocupação e do passado dos ciclos

econômicos no entorno do Maciço da Pedra Branca, mas muitas atualmente irreconhecíveis e dominadas pela vegetação, outras, marcas presentes na própria estrutura e composição da floresta. É com esta temática, que Luis Alexandre Franco Gonçalves, descreve e localiza alguma dessas marcas em suas histórias e particularidades em sua mais recente obra, Parque Estadual da Pedra Branca – Construções e Ruínas Históricas, e os convida a fazer uma viagem no tempo, no interior que permanece sombrio e emaranhado, de uma enorme floresta onde muitos trechos podem ser ditos “socialmente construídos”, que os seus usos tornaram presente a própria cidade do Rio de Janeiro. Séculos de exploração, extrativismos e muito trabalho humano, que apesar do abrupto contraste atual do limite floresta - cidade, uma grande diversidade de mitos e simbolismos que ainda permanecem vivos, ecoando no interior das matas da Pedra Branca, compõe este gigantesco e importe refúgio carioca.

Felipe do Nascimento Tubarão
Guarda-Parques Ambiental e formando em Ciências Biológicas.

O PARQUE ESTADUAL DA PEDRA BRANCA.

Situado na zona oeste carioca, com 12.393,84 hectares e cerca de 80 quilômetros de perímetro, (o que representa 16% do território do município do Rio de Janeiro), o Parque Estadual da Pedra Branca possui uma das maiores florestas urbanas do mundo, inserida inteiramente dentro da cidade. Seu ponto culminante, o Pico da Pedra Branca, com 1.025 metros de altitude, é também o mais alto do município. Em seu interior encontram-se várias espécies endêmicas de fauna e flora, algumas ameaçadas de extinção. Cercado por 17 bairros (Jacarepaguá, Taquara, Camorim, Vargem Pequena, Vargem Grande, Recreio dos Bandeirantes, a leste; Grumari, ao sul; Padre Miguel, Bangu, Senador Camará, Jardim Sulacap, Realengo, Santíssimo, Campo Grande, Senador Vasconcelos, ao norte; Guaratiba e Barra de Guaratiba a oeste).

O Parque Estadual da Pedra Branca é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral que abriga diversas espécies da fauna e flora raras e ameaçadas de extinção, além de nascentes, rios e lagos. São áreas protegidas por lei, não sendo permitidas ações do homem que possam comprometer o seu equilíbrio. Esta unidade foi criada em 28 de junho de 1974 pela Lei Estadual nº 2.377, com a finalidade de preservar a exuberante biodiversidade, os ecossistemas naturais e os mananciais que abastecem parte da população da cidade. Dentro dos limites do Parque podem ser realizadas atividades recreativas em contato com a natureza; educativas e interpretativas; pesquisas científicas; ecoturismo e esportes e turismo de aventura. Hoje, ele faz parte do Mosaico Carioca de Unidades de Conservação, instituído pelo Ministério do Meio

Ambiente, e também está inserido na Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, reconhecida pela UNESCO. Além de atrações paisagísticas e ecológicas como trilhas, cachoeiras, nascentes e montanhas, revela vários monumentos históricos como aquedutos, represas, e igrejas seculares cuja história segue a expansão urbana do Rio.

Administração e recebimento de visitantes

No Parque Estadual da Pedra Branca, existem três núcleos para administração e recebimento de visitantes: Pau da Fome – sede do parque, na Taquara, em Jacarepaguá – com centro de exposição na casa encomendada pelo prof. Darcy Ribeiro ao arquiteto Zanine Caldas, por ocasião da ECO 92; Camorim, também em Jacarepaguá, onde encontra-se um sistema de captação e tratamento de água, além da trilha para o açude de mesmo nome; e Piraquara, em Realengo, com área de lazer, locais para banho, *playground* para as crianças, e aparelhos para atividades físicas. Existem também dois postos avançados: Rio da Prata, em Campo Grande, e Vargem Grande, cada um com uma pequena guarita de apoio à administração e fiscalização.



Centro de exposições – Núcleo Pau da Fome

Acesso 1 - Núcleo Pau da Fome

Localizado na Estrada do Pau da Fome nº 4003, Jacarepaguá. Segundo a tradição oral, o nome deste núcleo teve origem na época em que tropeiros e caçadores quando chegavam a uma grande figueira, preparavam suas refeições e costumavam dizer: “estamos no Pau da Fome”. Nele está localizada a sede administrativa do Parque, possui guarita, um centro de visitantes, anfiteatro ao ar livre, sanitários, minhocário e bromelário. Destaque: Aqueduto do Pau da Fome, construído em 1908.

A maior parte das construções do local foi erguida em 2003, quando também foi inaugurada a exposição “Da Pedra Branca ao Pau da Fome”, no centro de visitantes projetado pelo arquiteto Zanine Caldas. Em 2008, neste núcleo, foram feitas obras de reforma e manutenção, e em 2012 foi inaugurada a

primeira Unidade de Polícia Ambiental, para atuar na prevenção e na repressão de crimes ambientais no Parque e em seu entorno.

O Núcleo de Educação Ambiental e Pesquisa recebe alunos de todas as redes e níveis de ensino, e profissionais de várias áreas que realizam visitas agendadas e atividades educativas, orientadas por equipe especializada.

O Centro de Exposições abriga uma exposição permanente sobre a Mata Atlântica, com destaque para as riquezas naturais do Parque, mostrando a importância da conservação do Maciço da Pedra Branca e seus ecossistemas. Suas trilhas proporcionam a oportunidade de se obter conhecimentos sobre os elementos ambientais que formam o ecossistema do local

Acesso 2 - Núcleo Camorim

Situado na Estrada do Camorim nº 2118, Jacarepaguá. É um dos três principais núcleos de acesso ao Parque. É uma área bem preservada, com uma grande represa, cachoeiras e uma grande biodiversidade nativa. Possui trilhas sinalizadas e estrutura para visitantes que podem percorrer suas trilhas sinalizadas.

No núcleo Camorim, ficam a subsede, e um local de cloração de água captada na represa ao lado, operada pela CEDAE, ambos inaugurados em 2002. Em todo o Parque se observam reservatórios de água históricos. A decisão de se proteger os mananciais dessa região teve início no ano de 1908, quando foi concluída a construção da Unidade de Tratamento Camorim e a Represa do Pau da Fome. O Açude do Camorim é composto por represa, aquedutos e desarenadores e faz o abastecimento de água de vinte mil habitantes.

Acesso 3 - Núcleo Piraquara

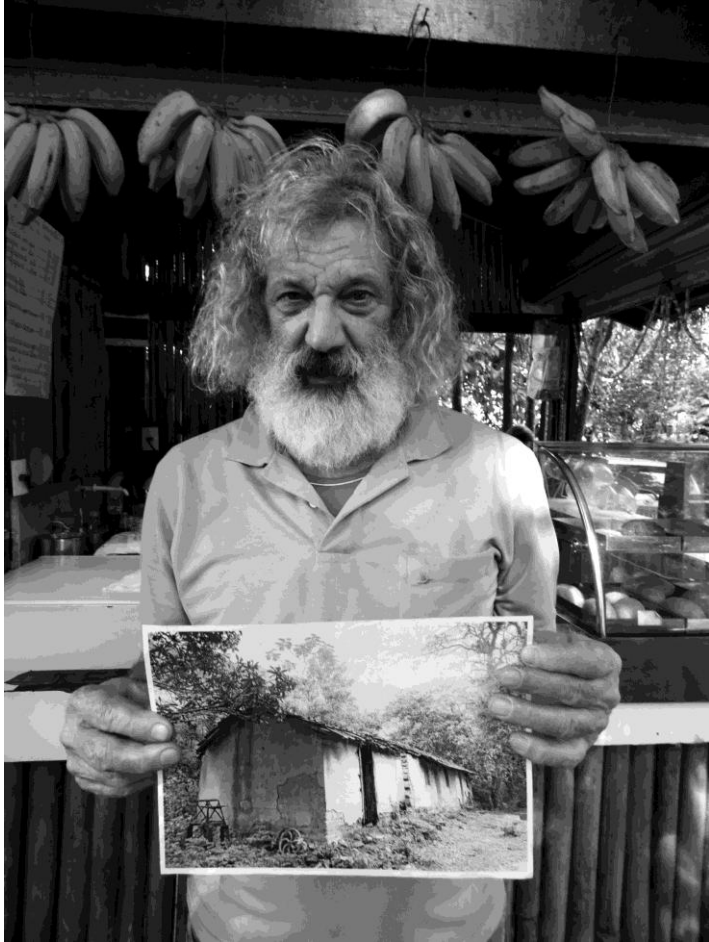
Localizado no final da Estrada do Governo, em Realengo, foi criado em 2009, tornou-se realmente uma opção de lazer para moradores e famílias da região. Nele existem pórtico, guarita, *deck* e piscina natural, parque infantil, sanitários públicos e uma edificação onde funcionam a administração da unidade, o núcleo de guarda-parques e um posto da Unidade de Polícia Ambiental. Uma importante revitalização ocorreu no local em 2009, com obras de pavimentação e reforma, o que vem atraindo a população das proximidades. Um aqueduto da década de 1960, ainda em funcionamento transformou-se também em atrativo para os visitantes. Neste núcleo ficam:

- . A Subsede do Parque.
- . Um aqueduto construído na década de 1960, que hoje é responsável por 83% do abastecimento do Grande Rio.
- . Três piscinas naturais próprias para banho
- . Trilha para a Pedra do Ponto, entre outras.

Turismo Histórico

Além de atrações paisagísticas e ecológicas como trilhas, cachoeiras, nascentes e montanhas, também o turismo histórico já começa a se desenvolver com a visita de locais de antigos engenhos e carvoarias e templos como a Igreja de São Gonçalo do Amarante, erguida em 1625; a Capela de N.Sra do Montserrat erguida em 1732, e a Capela de N.Sra da Conceição,

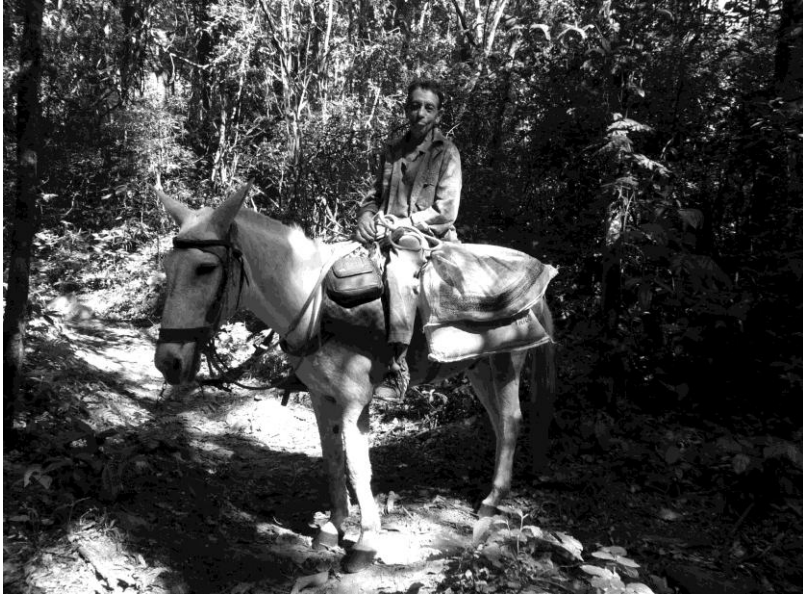
construída por Antônio de Sampaio, proprietário do Engenho Rio Grande, e as construções da Colônia Juliano Moreira. Também tem recebido um número sempre crescente de visitantes o sistema de captação de água projetado em 1908 por Sampaio Correia, que ainda hoje é responsável pelo abastecimento de alguns bairros das proximidades. Ruínas históricas de casas de fazenda, engenhos e carvoarias são vistas em algumas trilhas e travessias, existindo também o turismo rural com visitas a propriedades com cultura de orgânicos. Todos estes aspectos mostram que caminham juntas as histórias do Parque Estadual da Pedra Branca e da cidade do Rio de Janeiro.



“Seu João”, antigo morador do Parque segurando uma foto de seu antigo sítio



Sítio Bela Vista – Serra do Quilombo – Foto: Felipe Tubarão



“Cascardo” antigo morador do Parque subindo o caminho da Pedra do Quilombo

O maciço da Pedra Branca

A geografia do município do Rio de Janeiro é composta por planícies interioranas e litorâneas separadas pelos maciços da Tijuca e da Pedra Branca. Da mesma forma que aconteceu nas terras do atual Parque Nacional da Tijuca, a iniciativa de proteção das florestas do Maciço da Pedra Branca, sempre esteve ligada à preservação da capacidade hídrica, porque a devastação que aconteceu no Estado, provocada pelas várias culturas, ocorreu também nessa região. Em 1908 surgiu a primeira tentativa de proteção, com a aquisição pelo governo

federal, das áreas dos mananciais do Rio Camorim e do Rio Grande, para melhorar a captação e a distribuição de água potável, que desde o século XIX estava represada para abastecer a população da vizinhança. O crescimento demográfico no entorno na primeira metade do século XX, fez com que o governo federal para garantir a proteção, instituisse as Florestas Protetoras da União de Camorim, Rio Grande, Caboclos, Batalha, Guaratiba, Quininha, Engenho Novo de Guaratiba, Colônia, Piraquara e Curicica. Apesar da localização relativamente próxima os sistemas montanhosos da Tijuca e da Pedra Branca guardam diferenças causadas por fatores geológicos, ambientais e vegetacionais. Os conhecimentos científicos sobre a Pedra Branca são menores em comparação com o maciço da Tijuca. Os três maciços montanhosos que formam o substrato geomorfológico da cidade do Rio de Janeiro, têm histórias ambientais diferentes. O maciço da Tijuca foi o primeiro onde atuaram os colonizadores vindos da Europa, possui o desenvolvimento urbano mais forte e mais próximo. Já os maciços da Pedra Branca e Gericinó, ainda conservam alguns aspectos rurais em seus entornos.

A agricultura da Pedra Branca era a grande fornecedora de produtos para a cidade, como atestam os vestígios ainda hoje encontrados de antigas roças, locais de pastagens e bananais no sul e sudoeste do maciço. Não houve ali porém, no século XIX, a predominância do café como aconteceu na Tijuca. Hoje o entorno do maciço da Pedra Branca passa por um rápido processo de expansão de atividades urbanas com desmatamento e aumento de atividades agrícolas em suas encostas dando à região, um aspecto ao mesmo tempo rural e urbano e também convivendo com o avanço de loteamentos irregulares e comunidades pelas matas do Parque.

Em relação às florestas, a do Camorim, área de antigos quilombos, é a que se acha em melhor estado de conservação. Situada na bacia do rio Camorim, ela tem 1.200 hectares, um perímetro de 17 km, e recebe os rios Caçambe e São Gonçalo do Amarante. No interior desta floresta, a 436 m de altitude, fica a represa do Camorim, um lago artificial construído em 1908, a Pedra da Rosilha de 480 m, e a Serra do Nogueira com 648 m, nesta última, com 588 m, se destaca o Pico de Itaiaci.

O maciço da Pedra Branca abrange as serras do Valqueire, Viegas, Bangu, Rio da Prata, Nogueira, Barata, Engenho Velho, Lameirão, Rio Pequeno, Taquara, Pedra Branca, Quilombo, Santa Bárbara, Alto do Peri, Sacarrão, Guaratiba, Carapiá, Cabuçu e Grumari. Ele está separado do maciço da Tijuca pela Baixada de Jacarepaguá, e do maciço do Gericinó pela Baixada Bangu - Realengo.

Sua rede hidrográfica abastece os bairros da vizinhança, com as represas do Pau da Fome, do Camorim, das Taxas e do Engenho Novo. Os moradores desta bacia hidrográfica até o bairro da Taquara são abastecidos pela represa do Pau da Fome, que utiliza o manancial das águas do rio Grande junto com o rio da Padaria e da Figueira.

No maciço da Pedra Banca existem os rios Pequeno, Grande, Piraquara, da Batalha, Caboclos, Lameirão e Camorim.

Nas suas vertentes acham-se várias grutas, furnas de blocos graníticos e cachoeiras, espécies nativas de vegetação são abrigadas pela floresta classificada como primária e secundária. Esta, em estágio médio de recuperação, abrange a área do Pau da Fome, da serra de Guaratiba, dos costões de Grumari e da floresta do morro dos Caboclos. A primária, em nível inicial de reprodução, ocupa as partes baixas das encostas.

Ocupação

A região começou a ser ocupada há mais de três mil anos com grupos de coletores-caçadores que deixaram montes de conchas e restos orgânicos (sambaquis) na baixada de Jacarepaguá. Sua economia dependia principalmente da pesca e coleta de moluscos, mas machados encontrados na floresta atestam que eles saíam do litoral e também caçavam na encosta do maciço da Pedra Branca. E assim eles permaneceram até o contato com os índios Tupi-guarani em quase todo o litoral.

Colonização

Os registros da colonização das atuais Barra da Tijuca e Jacarepaguá tiveram início com a família Correia de Sá. Depois da fundação da cidade do Rio de Janeiro em 1565, o governo de Portugal cedeu terras para a agricultura nessa região, denominadas de sesmarias, que não chegaram a ser utilizadas.

Salvador Correia de Sá, primeiro governador do Rio de Janeiro, doou suas terras situadas entre a restinga da Tijuca e Guaratiba, a seus filhos Martim e Gonçalo, que dividiram a região repartindo a sesmaria de Jacarepaguá

Martim de Sá ficou com as terras a leste da lagoa do Camorim, onde foram erguidos os engenhos da Tijuca, Nossa Senhora do Desterro e Nossa Senhora da Cabeça, situados onde hoje estão às localidades do Itanhangá, Anil, Freguesia, Taquara, Cidade de Deus, Gardênia Azul e Barra da Tijuca.

Gonçalo ficou com a parte da Barra da Tijuca onde construiu um engenho. Em 1628, ele deu parte da sesmaria como dote de casamento à sua filha Vitória, que ao falecer não deixou herdeiros e suas terras foram deixadas para o Mosteiro